

Sarney vai esperar com calma a hora de dar o troco a FHC

MEMÉLIA MOREIRA

Sem qualquer pressa para revistar a derrota sofrida na última quinta-feira no plenário do Senado que rejeitou a CPI do sistema financeiro, o presidente do Congresso Nacional, José Sarney (PMDB-AP), está reunindo sua base parlamentar para enfrentar o presidente Fernando Henrique Cardoso. Aparentemente, Sarney faz o jogo de conciliador interno de seu partido que se dividiu exatamente quando o presidente do Congresso ameaçou renunciar ao cargo caso o PMDB vetasse a CPI. Na prática, porém, todos os seus emissários emitem sinais de que a reação de Sarney se fará na mesma arena onde foi derrotado: os plenários da Câmara do Senado.

A primeira reação se fez sentir na noite mesmo da derrota. Integrantes do grupo sarneysista no Senado e na Câmara buscavam informações sobre a proposta de CPI mista do sistema financeiro, de autoria do deputado Milton Temer (PT-RJ). E reclamavam porque ainda não tinha sido procurados pelos petistas.

“Reunir estas assinaturas (171 na Câmara e 27 no Senado) é a coisa mais fácil”, disse Albérico Filho (PMDB-MA) informando que faltam apenas três assinaturas no Senado e seis na Câmara. Ele acredita que mesmo Sarney já tendo dito que não assinará uma nova proposta de CPI, o problema será resolvido no Legislativo e, embora favorável à ação direta de inconstitucionalidade que a oposição vai propor ao Supremo Tribunal Federal, Albérico prevê uma solução interna do Congresso.



Popularidade ajuda atual Presidente

O ex-presidente José Sarney considera seu governo mais democrata do que o de Fernando Henrique Cardoso. Em conversa com amigos, ele faz comparações no comportamento de FHC com seu próprio comportamento quando ocupava o Palácio do Planalto. Diz que enfrentou 12.500 greves sem jamais ter “desgastado” nenhuma categoria, referindo-se ao duro tratamento dispensado por FHC aos petroleiros grevistas em maio do ano passado. Mas, reconhece que Fernando Henrique Cardoso tem mais popularidade porque estabilizou a moeda. “Até quando?”, se indaga, levantando o ombro.

Quando fala em CPIs, Sarney, fatalmente, se refere à comissão de inquérito que investigou corrupção em seu governo. “Investigaram, ouviram todo mundo e nada aconteceu que desestabilizasse as instituições. CPI não desestabiliza, depura”, diz ele. Por isso, continua apostando na viabilidade da CPI do sistema financeiro.

Eleito presidente do Senado com apoio de FHC, que barrou o senador Pedro Simon por considerá-lo “radical”, Sarney deixa claro que, a partir de agora, os acordos de liderança no Senado serão mais difíceis. “É tudo no voto”, repete. (M.M.)

Briga já dura mais de uma década

Os desentendimentos políticos entre o presidente do Congresso, senador José Sarney (PMDB-AP) e presidente Fernando Henrique Cardoso são antigos. Há uma década, desde fevereiro de 1986, quando FHC sugeriu, publicamente, a renúncia de Sarney, eles estão em campos opostos. Na época, Sarney era Presidente da República e Fernando Henrique, senador, integrante do Conselho Político do Governo, que se reunia semanalmente no Palácio do Planalto. Na ocasião, a exemplo de hoje, eles formavam a mesma aliança partidária, com traições mútuas.

Escudado na imagem de homem público, sempre disposto a perdoar desafetos, Sarney jamais esqueceu a campanha feita por setores do PMDB paulista (que, depois, foi a base para a criação do PSDB) contra seu governo. A campanha começou na mesma noite em que o presidente eleito, Tancredo Neves, foi socorrido às pressas no Hospital de Base e o deputado Freitas Nobre (PMDB-SP), na noite de 14 de março de 1984, no Salão Verde da Câmara, mostrava a Constituição para seus colegas dizendo que o vice-presidente (José Sarney) não pode-

ria assumir. Foi Ulysses quem garantiu a posse de Sarney e exigiu que os ministros indicados por Tancredo e adversários do então vice-presidente tomassem posse.

Entrevista — O clímax dos desentendimentos entre o então Presidente da República e o senador Fernando Henrique foi uma entrevista de FHC ao Jornal de Brasília. Com críticas duras à política econômica de Sarney, Fernando Henrique chamou seu ministro do Planejamento, João Sayad, de “bolo confeitado” e sugeriu a renúncia do Presidente da República. O irônico da história foi a data da entrevista: três dias antes do lançamento do Plano Cruzado, plano econômico que, em seu início permitiu a Sarney um dos maiores índices de popularidade atingidos por um Presidente da República, com 93% de aprovação.

O próprio Fernando Henrique se enganou na entrevista. Ele acreditava que a repórter trabalhava na revista Veja e não num jornal diário e tentou evitar a publicação. Era tarde. O jornal já estava rodando, mas Sarney ficou sabendo da entrevista antes mesmo que o jornal chegasse às bancas. Sarney, porém, não respondeu. O Plano Cruzado estava na sua redação final e ele

confiava nos resultados.

Na época, Tasso Jereissati, candidato a governador do Ceará, defendeu Sarney e com ele embarcou para Portugal, primeiro país a ser visitado depois do Plano Cruzado.

Fernando Henrique continuou no Conselho Político, mas suportava cada vez menos a convivência com o Presidente da República, apoiado por seu partido, o PMDB.

Mesmo com a entrevista na mão, sugerindo sua renúncia, Sarney não deu uma palavra. Ele fez apenas um desabafo no Palácio da Alvorada: “Eles vão ver...”, disse enigmáticamente, com um trunfo escondido, que era o lançamento do plano econômico em 28 de fevereiro de 1986.

Além da entrevista sobre a renúncia, Sarney também não esquece a campanha “dos paulistas” para que não fosse aprovado o mandato de cinco anos para Presidente da República. E, agora, quando novamente retorna ao cenário político a duração de um mandato de presidente, Sarney não esconde de ninguém sua posição: ele é contra a tese da reeleição, mas continua defendendo um mandato de cinco anos. (M.M.)